

“DO LIXO A UM NOVO HORIZONTE”: AS PERSPECTIVAS DE ALGUNS TRABALHADORES DO SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE LIXO DE FORTALEZA

Gemmelle Oliveira Santos
Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Doutorando em Engenharia Hidráulica e Ambiental pela UFC
Professor do Departamento de Química e Meio Ambiente do IFCE
gemmelle@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa recentemente concluída pelo Mestrado em Saúde Pública (Linha: Produção, Ambiente e Saúde) da Universidade Federal do Ceará (UFC) que objetivou apresentar as perspectivas (sonhos, desejos, aspirações) de alguns garis e catadores de recicláveis de Fortaleza/CE, frente à realidade social, econômica e ambiental por eles vivenciada. Em termos metodológicos, trabalhamos com a pesquisa qualitativa, com entrevistas individuais, com gravadores digitais e com um roteiro semi-estruturado - após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFC. Os entrevistados foram catadores da Usina de Triagem do Jangurussu, os de uma associação e trabalhadores da coleta formal de resíduos: garis. O grupo de entrevistados foi 'fechado' pelo princípio da saturação e envolveu oito sujeitos voluntários. Após transcrição e análise das falas observamos dois distintos 'mundos': o do gari e o do catador da Usina de Triagem. As falas apontaram que alguns entrevistados: i) desejam continuar no trabalho (desde que melhores condições sejam proporcionadas), ii) desejam abandonar o ofício (mas suas atuais condições os impossibilitam) e iii) desejam ascender a outros cargos (passar de gari para motorista, por exemplo). Observamos, ainda, que as informações construídas com os sujeitos refletem um pouco da dialética inclusão/exclusão, orgulho/humilhação.

Palavras-Chave: Lixo, Trabalho, Catadores, Garis.

ABSTRACT

This work is part of a recently completed the Master of Public Health (Line: Production, Environment and Health) of the Federal University of Ceará (UFC) which aimed to provide an outlook (dreams, desires, aspirations) of some street sweepers and garbage recyclables Fortaleza / CE, compared to the social, economic and environmental standards they have experienced. The methodological work on qualitative research with interviews with digital recorders and a semi-structured - after approval by the Ethics Committee on Human Research of the UFC. Respondents were scavengers Plant Screening of Jangurussu, an association of the workers and the formal waste collection: garis. The group of respondents was 'closed' by the principle of saturation and involved eight volunteer subjects. After transcription and analysis of the speeches we observed two different 'worlds': the scavengers and the collector of the Screening Plant. The reports indicated that some respondents: i) wish to remain at work (since the best conditions are pro-

vided), ii) wish to leave the office (but his current condition makes it impossible) and iii) wish to rise for other offices (go to the driver of gari, for example). We also observed that the information constructed with the subjects reflect a little of the dialectic of inclusion and exclusion, pride / humiliation.

Keywords: Garbage, Work, Recycled Garbage Pickers, Garbage Collectors.

1. INTRODUÇÃO

Os mais diversos trabalhos publicados (Calderoni, 1999; Abreu 2001, Ibam, 2001; IBGE, 2002; Bursztyn, 2003; Mello, 2004; Pereira Neto, 2007) permitem compreender que a relação estabelecida entre as pessoas e o lixo que produzem é de repulsa, de nojo, portanto, está pejorativamente no imaginário humano a idéia de que o 'lixo' é tudo aquilo que não serve mais.

Porém, o estabelecimento dessa relação é unilateral, ou seja, provém das pessoas que geram o lixo, mas que não precisam dele como meio de sobrevivência ou instrumento de trabalho, pois os seres humanos que estão impostos ou expostos ao 'outro lado' (catadores e garis) vêem os resíduos (especialmente os recicláveis) como fonte de renda e/ou meio de sobrevivência (Velloso, 2004; Mota, 2005; Santos, 2007; Santos e Rigotto, 2008).

Baseado nesse contexto, podemos inserir a realidade de Fortaleza/CE, que conta com mais de 2.500.000 habitantes (Santos, 2008), produz 3.000 toneladas/dia de resíduos sólidos urbanos (Emlurb, 2007), contabiliza 5 lixões num período compreendido entre 1956 e 1998 (Santos, 2008), e que está prestes a saturar a capacidade (vida útil) do Aterro Sanitário Metropolitano Oeste de Caucaia (ASMOC) - para onde destina seus resíduos desde 1998 (Santos et al., 2006).

A capital cearense conta com um Sistema de Gerenciamento de Lixo formado por coleta urbana formal (da qual participam cerca de 450 garis), usina de triagem (com 127 catadores) e aterramento sanitário, além de 15 associações de catadores, incontáveis depósitos de materiais recicláveis e aproximadamente 6.000 catadores 'independentes' - aqueles que perambulam pelas ruas puxando 'carrinhos' à procura de recicláveis (Santos, 2008).

Apesar dessas constatações, a realidade de trabalho e de vida dos garis e catadores de Fortaleza/CE permanece muito difícil - o que nos leva a acreditar que tais sujeitos são 'invisíveis' (Buarque, 2003; Zaneti, 2006;) para o poder público e para a sociedade em geral. Contudo, o que essas pessoas fazem diariamente por nós, pela cidade, pelo ambiente tem valor imensurável para as presentes e futuras gerações (Santos e Rigotto, 2008).

O trabalho desenvolvido pelo gari, por exemplo, evita que o acúmulo de lixo na cidade traga a proliferação de vetores de doenças, a exalação de odores desagradáveis e a produção de chorume - que causa a contaminação do solo e dos recursos hídricos tanto superficiais quanto subterrâneos (Oliveira, 1997).

Por outro lado, desenvolver a atividade de coleta domiciliar do lixo representa um conjunto de riscos à saúde desses trabalhadores, pois a rotina de trabalho exige que os garis

corram, subam e desçam calçadas e ruas, se equilibrem na parte traseira dos caminhões (chamada de estribo), atravessem ruas movimentadas, circulem entre veículos, apanhem os sacos plásticos ou tambores e tenham contato com materiais diversos. Portanto, não foi difícil encontrar na literatura a lista de agravos sofridos por tal classe trabalhadora (Robassi et al., 1992; Velloso, 1997; Ferreira, 2002; Miglioransa et al., 2004, Porto et al., 2004).

Quanto ao trabalho desenvolvido pelos catadores, podemos listar todo um conjunto de considerações sociais e ambientais sobre a relevância das suas atividades, ou seja, podemos dizer que a segregação de recicláveis diminui a poluição do solo, água e ar, melhora a limpeza da cidade, prolonga a vida útil dos aterros sanitários (porque desvia alguns materiais que teriam como fim o aterramento) e gera emprego e renda (com a comercialização dos recicláveis).

Entretanto, os catadores trabalham num insalubre cotidiano porque - ao rasgarem os sacos de lixo à procura dos recicláveis - se expõem a riscos diversos como os químicos em decorrência da exposição às pilhas e baterias estouradas, óleos e graxas, pesticidas/herbicidas, solventes, tintas, produtos de limpeza, cosméticos, remédios e aerossóis e biológicos - em decorrência do contato com uma enorme diversidade de microorganismos patogênicos que residem nos lençóis de papel, curativos, fraldas descartáveis, papel higiênico, absorventes (Santos e Rigotto, 2008).

Nesse contexto, encontramos diversos trabalhos sobre os problemas ocupacionais dos catadores de lixo no Brasil (Muñoz, 2000; Ferreira e Anjos, 2001; Perez, 2002; Mota, 2005; Dall’agnol e Fernandes, 2007) e evidenciamos que, historicamente, nada mudou para esses trabalhadores ao longo da história, pois o descaso do poder público e a omissão e/ou despreparo da sociedade - que também tem uma parcela de responsabilidade sobre tais trabalhadores - predominam.

Foi refletindo sobre esse cenário que pensamos nesse trabalho, porque o cotidiano dessas pessoas está absurdamente desumano em Fortaleza/CE (Santos, 2008) e deve representar para tais sujeitos incessantes desejos e/ou sonhos por mudanças.

Cabe destacar que esse trabalho faz parte de uma pesquisa recentemente concluída pelo Mestrado em Saúde Pública (Linha Produção, Ambiente e Saúde) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e objetivou apresentar as perspectivas (sonhos, desejos, aspirações, etc.) de alguns garis e catadores de recicláveis de Fortaleza/CE frente à realidade social, econômica e ambiental por eles vivenciada. Para além desse objetivo, desejamos “dar vez e voz” à alguns garis e catadores de Fortaleza/CE, permitindo-lhes falar sobre suas experiências e contribuindo para a redução da lacuna que há tanto na literatura local quanto entre as Universidades e tal público.

2. METODOLOGIA

O primeiro momento da pesquisa envolveu a realização da revisão bibliográfica e foi importante por ter proporcionado a “checagem” dos achados ou observações com aquele(s) existentes da literatura, contribuindo no recorte do objeto de

estudo e inspirando a definição da metodologia.

Tal momento representa uma atividade imprescindível em pesquisas qualitativas sob o ponto de vista de Glazier e Powell (1992) e Dias (2000). Além disso, o trabalho de pesquisa bibliográfica evitou que os achados desta pesquisa ficassem separados da totalidade, o que é relevante em metodologias qualitativas, segundo Haguette (1995).

Pelo dito acima, esta pesquisa é qualitativa, a qual, na visão de Moreira (2002) trabalha com discursos, textos, sons, imagens, símbolos, abdicando total ou quase totalmente das abordagens matemáticas no tratamento dos dados.

Aprofundando esse olhar, Minayo et al. (1994) nos trazem que a metodologia qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...] não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A nossa escolha pela perspectiva qualitativa se deu em função deste tipo de pesquisa permitir uma melhor compreensão do fenômeno no contexto em que ele ocorre a partir da interação das variáveis envolvidas, permitindo um aprofundamento maior sobre o tema.

O segundo momento da pesquisa envolveu o levantamento de informações junto aos órgãos competentes, especialmente, a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), a Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (Emlurb) e junto à concessionária responsável pela gestão dos resíduos sólidos domiciliares na capital cearense.

Um aspecto importante do segundo momento é que ele contribuiu para a ordenação das informações e atribuição preliminar de significados aos depoimentos a partir de cada realidade observada - que são pressupostos da pesquisa qualitativa.

O terceiro momento da pesquisa envolveu a realização dos estudos de campo, por meio dos quais cada componente do Sistema de Gerenciamento de Lixo de Fortaleza foi visitado, para imersão no contexto e construção inicial das informações junto aos trabalhadores envolvidos na operação do sistema (garis e catadores), descrevendo as variáveis que o compõem, reconhecendo-se a presença de complexidades e interfaces que o caracterizam e o particularizam.

Esse terceiro momento foi importante ainda por proporcionar o início de um relacionamento longo e flexível com os entrevistados e essa vivência representou o começo da fase exploratória interpretativa dessa pesquisa, pois preocupamos com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto.

O quarto momento da pesquisa envolveu a realização das entrevistas e se sucedeu após obtenção favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Ceará (Processo 205/2007).

Para abordar a temática, optamos por um roteiro semi-estruturado, buscando minimizar desvios nos depoimentos conforme orientação de Haguette (1995) e alcançar melhores resultados, pois se trabalhou com diferentes grupos de pessoas.

Além disso, a entrevista semi-estruturada foi adotada por valorizar a presença do investigador, oferecer todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade

e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação, conforme nos traz Minayo (1992) ao se referir a esse tipo de entrevista.

O quinto momento da pesquisa envolveu a análise dos depoimentos. Para o processamento das entrevistas realizamos, inicialmente, as transcrições e leitura livre das falas, anotando as primeiras observações em relação ao tema estudado. Em seguida, procedemos a categorização interna das mesmas, utilizando o roteiro de entrevista como um guia de sistematização de informações, sem impedir o aprofundamento de aspectos relevantes ao entendimento do fenômeno.

Esse quinto momento foi importante por possibilitar um esforço analítico que ampliou a compreensão do universo cultural dos diferentes grupos de entrevistados e dos significados que eles produzem a partir de um cotidiano de trabalho.

3. RESULTADOS

De toda uma complexidade que se abre no estudo do lixo foram selecionadas algumas informações relevantes para a compreensão do universo de sentidos emergido das conversas. Assim, o que apresentamos aqui é uma das categorias emergidas dos garis e catadores entrevistados.

Os garis e catadores apontaram variadas perspectivas sobre o trabalho com o lixo, polarizando suas falas entre: i) continuar no trabalho, ii) os desejos de abandonar o ofício e iii) de ascender a outros cargos.

Assim, emergiram falas da seguinte natureza:

"Tenho o sonho de ter umas coisas melhores, ter um emprego melhor, salário melhor tá entendendo?! Ajudar as pessoas também não é?! Quem sabe até abandonar esse trabalho com essa área..." (Entrevistado 3, Gari).

Pelo fato de o entrevistado reconhecer as vantagens de outros ofícios ou, pelo menos, as que o seu trabalho não lhe proporciona sua condição atual pode trazer um sofrimento psíquico porque o vínculo contratual que ele possui com a empresa é o "valor" que atualmente estrutura o seu mundo.

Além disso, o trabalho desenvolvido pelo gari aparenta não lhe proporcionar uma 'satisfação material' pelo desejo que o mesmo tem de 'obter um emprego melhor' e que lhe dê um maior 'retorno financeiro'. É clara ainda no discurso do entrevistado a vontade de - ao alcançar uma 'melhor condição' - ajudar as pessoas, sendo uma possibilidade o abandono do ofício.

Sem, necessariamente, desejar abandonar o ofício, alguns entrevistados da coleta domiciliar expressaram seu desejo de ascensão profissional. O próprio fato de os "garis" terem vínculo empregatício pode levar a esse raciocínio: a construção "perspectivas de futuro".

Assumir o posto de motorista ou ter uma oportunidade de crescimento dentro da empresa são exemplos de 'coisas boas que poderão acontecer':

"...meu sonho mesmo é tirar carteira de motorista e só Deus sabe daqui pra frente. Quem sabe dirigir caminhão aí também..." (Entrevistado 4, Gari).

"...meus planos é crescer aqui se me derem oportunidade, e seguir um destino melhor. A gente sempre tem que procurar um destino melhor, não é?! Vamos esperar pro dia de aman-

hã. O dia de amanhã só quem destina é Deus mesmo. Vamos ver o que pode melhorar aí pro lado da gente" (Entrevistado 1, Gari).

As vantagens que o trabalhador vê no cargo de motorista são: i) melhor salário (enquanto um gari ganha R\$ 450,00 por mês um motorista ganha R\$ 600,00), ii) melhores condições de trabalho (o motorista sempre fica na cabine do veículo e isso é mais salubre porque evita odores, esforço e desgaste físicos, calor, chuvas, etc.) e iii) menos pressão por parte da empresa conforme depoimentos:

"...ela (a empresa) pressiona demais o coletor, pressiona, pressiona, que tem hora que você não aguenta mais. A única desvantagem é essa, é pressão por cima de pressão, tanto dos homens lá dentro quanto do fiscal..." (Entrevistado 2, Gari).

"Você tem que correr muito, cê tem que fazer uma carrada em menos de 3 horas, de 9.000 kilos, então pra isso você tá arriscado, no setor, a ser atropelado, sob pressão não é?! Porque se você trabalhar com calma, se não tivesse pressão, não tivesse horário pra fazer a carrada, cê ia passar uma avenida e aí olhar pros dois lados..." (Entrevistado 5, Gari).

A pressão anunciada pelos entrevistados gera comportamentos de risco porque metas de produtividade são determinadas pela empresa e devem ser cumpridas pelos trabalhadores ao longo das suas rotinas de coleta. Possivelmente, essas metas não consideram as condições individuais, o levantamento de peso e o esforço físico que o trabalho exige.

Cabe destacar que esse cenário emergiu também no estudo de Velloso (1995) apud Anjos e Ferreira (2000), levando-a a afirmar que, durante a coleta, o trabalhador está submetido a tensões permanentes pela presença constante de fluxo de outros veículos nas ruas. Nesse mesmo sentido, Velloso, Santos e Anjos (1997) destacaram que os trabalhadores ficam expostos ao calor, ao frio, à chuva e, ainda, às variações bruscas de temperatura. Além disso, durante o processo de trabalho, o compactador de lixo é acionado freqüentemente, ocasionando um ruído que se soma aos ruídos produzidos no trânsito e nas ruas.

O ruído emitido pelo compactador foi mensurado por Ferreira (2002) mediante instalação de um equipamento nas proximidades da carroceria do caminhão (mais precisamente à 50 cm da porta do veículo). O autor constatou que os ruídos ficam acima de 85 decibéis e que, apesar de estarem dentro dos limites da NR-15, interferem na comunicação entre os coletores de lixo e vêm causando incômodos (zunido no ouvido e dificuldade de escutar, principalmente) para 28,5% dos trabalhadores entrevistados.

Ainda segundo os autores acima, o estresse pode ser a causa invisível de muitos dos acidentes de trabalho, pela redução da capacidade de autocontrole dos trabalhadores, e de doenças ocupacionais, pela redução das defesas naturais e do desgaste dos organismos (Ferreira e Anjos 2001).

O trabalho de coleta do lixo tem conduzido os sujeitos entrevistados a diversos riscos (inclusive, de morte) pelo fato de correrem pelas ruas e avenidas com horários a cumprir. Nesse sentido, um trabalhador narrou todo um acontecido com um colega de trabalho que foi a óbito ao ser atropelado por um veículo particular, enquanto trabalhava coletando lixo em Fortaleza/CE:

A forma como o trabalhador falou sobre seu colega trouxe-nos a sensação de que o episódio ‘alimenta o medo’, mas também uma maneira de tentar se defender desse medo.

O atropelamento observado em Fortaleza/CE não é um fato exclusivo da capital cearense. No estudo de Miglioransa et al. (2004), observamos que cerca de 6,67% dos trabalhadores de uma Empresa B de Porto Alegre, já foram atropelados. Observamos em Velloso, Santos e Anjos (1997) uma associação entre as causas desses acidentes com o fato de os horários de coleta coincidirem com os de tráfego intenso.

Compreendemos, ainda, das falas dos garis, que há uma insatisfação em relação à empresa na qual trabalham. Tal insatisfação decorre do fato de não possuírem Planos de Saúde, pois acreditam que a empresa tem receitas suficientes para arcar com esse benefício, como ilustram os pronunciamentos a seguir:

“...Aqui ninguém tem um plano de saúde. Uma empresa dessa que ganha milhões da Prefeitura de Fortaleza...alega que têm muitas despesas. Sim, tem muita despesa, mas em primeiro lugar deve se preocupar mais com o funcionário...” (Entrevistado 3, Gari).

“...Um plano de saúde dava pra ela (empresa) pagar, mas ela fala que não, que tá pagando bem porque dá cesta básica, vale refeição...” (Entrevistado 1, Gari).

Na ausência de Planos de Saúde, os funcionários da coleta de lixo domiciliar de Fortaleza/CE recorrem ao Sistema Único de Saúde, mas parece que essa não é uma boa opção conforme os relatos a seguir:

“...Eu já tentei até procurar o médico, mas o tempo da gente aqui é pouco e pra gente conseguir uma vaga dessa aí pra bater um raio X da coluna tem é dificuldade, pra gente conseguir um raio X...” (Entrevistado 5, Gari).

“...Cê vê que os hospitais de Fortaleza tá em uma decadência danada, em greve. Cê chega pra ser atendido, pega fila, demora horas e horas. Cê sai do trabalho pra ir ao médico, chega lá cê espera 2 ou 3 horas na fila pra ser atendido e tem vez que não é...” (Entrevistado 5, Gari).

Esse cenário evidencia que os garis são, praticamente, obrigados a resistir às doenças com medo de perder o emprego, pois muitos dos problemas exigem que os trabalhadores se ausentem do trabalho, além de horas para busca de atendimento em hospitais e ambulatórios.

Ainda no ‘mundo dos garis’ emergiram discursos que contemplam perspectivas acerca da aposentadoria, mostrando o interesse que alguns sujeitos têm de aproveitar toda a sua caminhada na empresa:

“...meu sonho, se eu pudesse, era aposentar aqui. Aproveitar que já estou aqui para se aposentar com a saúde boa ainda não é?! (Entrevistado 2, Gari).

No que diz respeito à realidade dos trabalhadores da Usina de Triagem, o cenário é mais complexo e leva alguns entrevistados a anunciar a vontade que possuem de abandonar o trabalho com o lixo e melhorar sua ‘posição’ em relação aos seus familiares:

“O meu sonho era arranjar um trabalho de carteira assinada pra ter mais gosto de dizer: meu trabalho é um trabalho bom. Ter um trabalho mais aconchegado pro meu filho ter orgulho. Os coleguinha dele perguntar: teu pai trabalha com o

quê? e ele dizer que trabalha com isso ou aquilo, e não dizer: meu pai trabalha no lixo. Eu queria ter esse prazer...” (Entrevistado 6, Integrante da Usina de Triagem).

A preocupação do nosso entrevistado parece predominar no cotidiano das pessoas que realizam esse ofício. No estudo de Paixão (2005), existem alguns relatos muito semelhantes ao exposto acima, onde uma catadora declarou esconder sua condição de catadora de alguns parentes e outra declarou evitar que os colegas dos seus filhos saibam que ela trabalha no lixo, para não deixar seus filhos com vergonha. Além disso, há o sonho da “carteira assinada” e um sentimento de descrença sobre as possibilidades reais de encontrar a ocupação desejada:

“Meu sonho e objetivo é arrumar um trabalho de carteira assinada nem que seja pra jardineiro, mas por aqui acho que num tem não” (Entrevistado 6, Integrante da Usina de Triagem).

As dificuldades enfrentadas no cotidiano dos catadores evidenciam que o reconhecimento dado à categoria pelo Ministério do Trabalho, desde 2002, “ainda não saiu do papel” - quando estabeleceu para os catadores os mesmos direitos e obrigações de um autônomo. Parece, inclusive, que os trabalhadores nem noção têm desse feito, pois não emergiu nas falas de nenhum entrevistado.

A categoria profissional foi oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável, mas certamente esse reconhecimento não representa o fim da luta dos catadores, porque ainda observamos o desempenho de suas atividades em condições muito precárias.

A prova mais clara desse cenário é que, no ano de 2003, o Governo Federal criou o comitê de inclusão social de catadores de lixo (Medeiros e Macêdo, 2006), portanto, o próprio governo reconhece que tais trabalhadores são excluídos.

Na visão de Medeiros e Macêdo (2006), o fato dos catadores constarem na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) poderia ser um indicativo que apontasse para o resgate da dignidade desses trabalhadores, inserindo-os no âmbito das políticas públicas. Porém, concluem os autores, que o que se observa é uma condição oposta, na qual o trabalho da catação é quase sempre desfavorável ao trabalhador.

Complementa essa visão Miura (2004) apud Medeiros e Macêdo (2006), ao dizer que o problema hoje não está em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim, em reconhecer seu direito às condições dignas de trabalho e de vida para além da perspectiva estrita da sobrevivência.

Enquanto se observa que dois trabalhadores da Usina de Triagem desejam abandonar o trabalho com os resíduos sólidos domiciliares, a partir do momento que “algo melhor” lhes for assegurado, um entrevistado traz a perspectiva de continuar na Usina, mas com melhores condições de trabalho:

“Eu gostaria de um trabalho mais adequado não só pra mim, mas pra todo mundo que trabalha aqui. Mais condições de trabalho: roupa, bota, material pra quem trabalha aqui no meio da reciclagem...” (Entrevistado 7, Integrante da Usina de Triagem).

O trabalhador apresenta seu interesse em permanecer no trabalho da Usina de Triagem desde que melhores condições sejam oferecidas, inclusive, expandir a idéia para os outros integrantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu compreender que as mais diversas condições referentes ao “lidar com o lixo” impulsionam parte dos trabalhadores ao desejo de abandonar o ofício, mas outros acreditam que a realização de algumas melhorias os levariam a continuar e ascender a outros cargos.

Além desses aspectos, foi relevante observar que os trabalhadores entrevistados estão submetidos a múltiplas situações de risco - que podem se transformar em agravos à saúde e, em alguns casos, provocar a morte.

Outra importante consideração é que o “mundo” vivido por cada grupo entrevistado (garis e catadores) influencia a construção de significados diferentes acerca do trabalho, da doença, da saúde, do futuro, etc., portanto, o estudo desses sujeitos exige uma clara delimitação entre os contextos sociais, econômicos e ambientais vivenciados pelos indivíduos.

Há ainda uma “sensação” de impotência dos trabalhadores em relação a sua capacidade de transformar e/ou melhorar as suas atuais condições de trabalho, renda e vida, além do depósito das suas esperanças em superiores ou terceiros.

Esse clima de “desamparo” foi percebido também por Velloso, Valadares e Santos (1998), quando trabalhadores da coleta domiciliar enfatizaram sua falta de participação nas decisões sobre o trabalho e na preservação de direitos, no âmbito da empresa, ou mediante à negligência da mesma no que diz respeito à sua saúde, ao baixo salário e à falta de incentivos e/ou gratificação pessoal para desempenhar um serviço altamente penoso.

No estudo de Nunes e Cunha (2004) 63,6% dos coletores de lixo afirmaram não receber qualquer orientação ou informação sobre saúde, oferecida pelo órgão empregador. Nossos entrevistados não fizeram comentários nesse sentido, mas compreende-se que há um descaso e/ou despreparo do órgão empregador.

Uma alternativa à redução dos riscos à saúde dos trabalhadores entrevistados poderia ser a introdução da coleta seletiva em Fortaleza, pois esta separa o lixo reciclável (vidro, plástico, papel, metal, etc) do não reciclável e evita acidentes como cortes e ferimentos, dado que o processo existente de trabalho se estrutura por meio de uma tecnologia primária, praticamente manual, e que expõe o trabalhador a doenças e acidentes, relacionados ao esforço excessivo exigido pela demanda ocupacional.

De uma forma geral, os trabalhadores entrevistados veem, como mudanças capazes para melhoria das suas condições de trabalho, diversos fatores, tais como: distribuição de equipamentos de proteção individual, treinamento, plano de saúde, etc.

Vale ressaltar que o trabalho com o lixo desenvolvido pelos entrevistados não tem uma única representação ou sentido - é dotado de características ruins ou de características boas. Ele abrange tanto aspectos positivos quanto negativos

na visão dos sujeitos, por isso, a relação trabalho-lixo é complexa e porta ambivalências, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação e a vontade de continuar ou abandonar o ofício.

Neste breve trabalho, acreditamos que os sujeitos envolvidos - ainda ocultos e camuflados na nossa cidade - puderam ter um pouco de “vez e voz”, mesmo lidando com os “excessos da cidade” e com a “escuridão da modernidade”.

A intenção na escolha deste tema foi de contribuir para que uma maior atenção seja dispensada aos seres humanos que estão na condição de garis e catadores de materiais recicláveis em Fortaleza/CE.

5. REFERÊNCIAS

- [1] ABREU, M. de F. Do Lixo à Cidadania: estratégias para a ação. Brasília, Caixa/UNICEF, 2001.
- [2] ANJOS, L. A.; FERREIRA, J. A. A Avaliação da Carga Fisiológica de Trabalho na Legislação Brasileira Deve Ser Revista!. O Caso da Coleta de Lixo Domiciliar no Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública. jul./set., v.16, n.3, p.785-790, 2000.
- [3] BUARQUE, C. Olhar a (da) rua. In: BURSZTYN, M. (Org.). No Meio da Rua - nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- [4] BURSZTYN, M. (Org.). No Meio da Rua - nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- [5] CALDERONI, S. Os Bilhões Perdidos no Lixo. 4a Edição, Humanitas Editora/FFLCH/USP, Universidade de São Paulo, 1999.
- [6] DALL’AGNOL, C. M.; FERNANDES, F. S. Saúde e Autocuidado Entre Catadores de Lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v.15, p.729-735, 2007.
- [7] DIAS, C. Pesquisa Qualitativa: características gerais e referências. maio, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa>. Acesso em: 12 dez 2007.
- [8] DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n.115, p.139-154, março, 2002.
- [9] EMPRESA MUNICIPAL DE LIMPEZA E URBANIZAÇÃO - EMLURB. Relatório das Atividades Desenvolvidas pela Diretoria de Limpeza Urbana - DLU no Ano de 2006. Fortaleza, 2007.
- [10] FERREIRA, J. A. A Coleta de Resíduos Urbanos e os Riscos para a Saúde dos Trabalhadores. In: VI Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. Vitória-ES: ABES, 2002.
- [11] FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. Aspectos de Saúde Coletiva e Ocupacional Associados à Gestão dos Resíduos Sólidos Municipais. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, May/June, v.17, n.3, p.689-696, 2001.
- [12] FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da Fala do Outro ao

- Texto Negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paideia (Ribeirão Preto);14(28):139-152, maio-ago. 2004.
- [13] GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. Qualitative Research in Information Management. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.
- [14] HAGUETTE, T. M. F. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 2001.
- [15] INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL - IBAM. Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos. Rio de Janeiro, 2001.
- [16] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico: 2000. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. 2002.
- [17] MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de Material Reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?. Psicologia & Sociedade. 18(2): 62-71; mai/ago, 2006.
- [18] MELLO, M. B. Crianças Catadoras e Seus Saberes: quando o contexto é o lixo. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 5, nº 9-10, jan/dez, 2004.
- [19] MIGLIORANSA, M. H.; ROSA, L. C.; PERIN, C.; RAMOS, G. Z.; FOSSATI, G. F.; STEIN, A. Estudo Epidemiológico dos Coletores de Lixo Seletivo. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. v.28, n.107/108, p.19-28. São Paulo, 2004.
- [20] MINAYO M. C. S. O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.
- [21] MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, 16ª Ed., 1994.
- [22] MOREIRA, D. A. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- [23] MOTA, A. V. Do Lixo à Cidadania. Democracia Viva, n.27, jun/jul, 2005.
- [24] MUÑOZ, J. V. O Catador de Papel e o Mundo do Trabalho. Rio de Janeiro: Nova; 2000.
- [25] NUNES, A. L. B. P.; CUNHA, A. M. O. O Papel das Representações Sociais nas Atitudes Preventivas de Coletores de Lixo, em Relação as Enteroparasitoses. In: 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Caxambu. Pesquisa em Educação, 2004.
- [26] OLIVEIRA, M. R. L. Caracterização do Percolado do Lixão do Jangurussu e Seu Possível Impacto no Rio Cocó. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.
- [27] PAIXÃO, L. P. Significado da Escolarização para um Grupo de Catadoras de um Lixão. Cadernos de Pesquisa, v.35, n.124, p.141-170, jan/abr. 2005.
- [28] PEREIRA NETO, J. T. Gerenciamento do Lixo Urbano: aspectos técnicos e operacionais. Viçosa, MG. Ed. UFV, 129p. 2007.
- PERES, F. Onde Mora o Perigo?: percepção de riscos, ambiente e saúde. In: MINAYO, M. C. S.; CARVALHO, A. M.; (Orgs.). Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- [29] PORTO, M. F. S.; JUNCA, D. C. M.; GONCALVES, R. S.; FILHOTE, M. I. F. Lixo, Trabalho e Saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. Cad. de Saúde Pública. Nov./Dec., v.20, n.6, p.1503-1514., 2004.
- [30] ROBASSI, M. L. C. C.; MORIYA, T. M.; FÁVERO, M.; PINTO, P. H. D. Algumas considerações sobre o trabalho dos coletores de lixo. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 20:34-40., 1992.
- [31] SANTOS, G. O. Análise Histórica do Sistema de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de Fortaleza como Subsídio às Práticas de Educação Ambiental. Monografia de Especialização. Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, 2007.
- [32] SANTOS, G. O. Resíduos Sólidos Domiciliares, Ambiente e Saúde: (inter)relações à partir da Visão dos Trabalhadores do Sistema de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de Fortaleza/CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2008.
- [33] SANTOS, G. O.; ALVES, C. B.; OLIVEIRA SANTOS, G. BRASILEIRO FILHO, S. Educação Ambiental e Resíduos Sólidos: um estudo em Fortaleza/CE. In: VIII Seminário Nacional de Resíduos Sólidos. ABES, São Luiz - MA, CD-ROM, 2006.
- [34] SANTOS, G. O.; RIGOTTO, R. M. Fazendo a Nossa Parte: Um Estudo sobre as Contribuições do Trabalho dos Catadores e Garis de Fortaleza/CE à Preservação do Ambiente e Promoção da Saúde Pública. In: II Encontro Internacional Trabalho e Formação dos Trabalhadores, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008.
- [35] SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. 3ª ed. Florianópolis: LED - Laboratório de Ensino a Distância. PPGEP/UFSC, 2001.
- [36] VELLOSO, M. P. Os Catadores de Materiais Recicláveis e a Gestão de Resíduos. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16-18 de Setembro, CD-ROM, 2004.
- [37] VELLOSO, M. P.; SANTOS, E. M.; ANJOS, L. A. Processo de Trabalho e Acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Cad. de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.13, n.4, Oct./Dec. 1997.
- [38] VELLOSO, M. P.; VALADARES, J. C.; SANTOS, E. M. A Coleta de Lixo Domiciliar na Cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador. Ciênc. saúde coletiva, v.3, n.2, Rio de Janeiro, 1998.
- [39] ZANETI, I. C. B. B. As Sobras da Modernidade. O Sistema de Gestão de Resíduos Sólidos em Porto Alegre, RS. 2006.